

# CONTAMINAÇÃO LITERÁRIA: DIÁLOGOS TRANSCULTURAIS.

Giseli Rodrigues Corrêa (PUC/SP)

## RESUMO:

*O presente trabalho tem por objetivo analisar a questão da identidade de uma cultura que está aberta a influência de outras culturas. “A concepção de uma contaminação literária deverá ser atrativa, significando diferenças que deverá nascer juntas para que possam fazer contatos [...]”. (LOLA LEMIRE TOSTEVIN, 1989, p.13-14).*

*O trabalho parte da leitura referente às teorias pós-modernas, como o texto de Stuart Hall (2004). O pós-modernismo e o pós-colonialismo mostrarão as diferenças deste contato e os resultados que não é somente literário, mas também cultural, social e político. A Nação será vista como o espaço de construção de uma identidade, resultante de uma hibridização entre o colonizador e o colonizado.*

**PALAVRAS- CHAVE:** Hibridismo, Transculturação, Identidade

O presente trabalho tem por objetivo analisar os diálogos transculturais, resultantes de uma hibridização entre o colonizador e o colonizado, suas relações de identidades por meio de uma contaminação literária, social e cultural.

O conceito de transculturação nasceu pelos pensamentos de Fernando Ortiz, o sociólogo cubano que propôs explicar o impacto das trocas culturais e econômicas do sistema colonial. Ortiz desejava descrever um processo no qual duas culturas em situação de encontro ou confronto resultam na investigação dos processos de troca decorrentes da produção do tabaco e do açúcar, como forças determinantes na reorganização social, econômica, política e cultural em Cuba.

A cultura do tabaco e do açúcar determinariam mudanças fundamentais na paisagem social e cultural cubana, com seus modos de produção diversos e formas variadas na organização do trabalho.

Por isso, a classificação de transculturação aplicado à análise literária constituirá a base da reflexão sobre a relação de diferentes culturas, resultante no processo de construção de identidade dos sujeitos que pertencem a diferentes meios sociais como a do colonizador e a do colonizado, a do negro ou branco, eu ou outro, como bases de reflexão da identidade racial que sempre se descobrem por meio da supremacia cultural branca. Os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem negro e nesse ato de violência se dá a construção do sujeito pertencente ao meio social do colonizado e do colonizador.

A transitividade entre culturas diferentes é um processo de assimilação e resistência que busca a construção do ser social, resultante do hibridismo das culturas.

O processo de hibridização cultural decorre da relação política caracterizando-se como um processo sócio-cultural, possibilitando a geração de poder criativo e inovador da mistura intercultural, responsável pela construção do sujeito em busca de sua identidade.

Para tanto, foram pesquisados alguns autores teóricos em busca de um estudo a respeito da questão da identidade neste final de século, que está sendo “descentrada”, ou seja, fragmentada.

“Esta descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos- constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (...)” (HALL, 2004, p.9). O sujeito está se tornando composto não de uma única, mas de várias identidades.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, que assume identidades diferentes em diferentes momentos, que não são únicas, mas que estão sendo continuamente transformadas.

Dessa maneira, pensar a questão do pós-moderno implica a análise do pós-modernismo e do pós-colonialismo que juntos mostrarão as diferenças e os resultados desta contaminação cultural, resultante do sujeito fragmentário em busca de sua identidade. Por meio dessa contaminação é que origina uma ação social, política e literária como construção de vários sujeitos sociais e etnicamente em confronto.

O pós-modernismo sugere uma estética política, analisa a representação de um sistema dentro de uma colônia; enquanto que o pós-colonialismo figura uma política como contaminação estética, ou seja, analisa o funcionamento de um conflito menos perigoso, a não verdade de uma necessária cultura e política, sugerindo que o turismo é o melhor modelo através de uma interação cultural. Assim, a sociedade é formada de uma pluralidade de diferenças e igualdades.

Desta forma, toda cultura está aberta a influência de outras culturas, e a contaminação literária não deve ser confundida com uma ação social, e sim como o nascimento de uma nova sociedade pensante e resultante de reflexões políticas, culturais e sociais de diferentes culturas.

Conforme Stuart Hall (2004, p.8), “A identidade cultural diz respeito ao pertencimento a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. Segundo o autor, na tradição europeia do século XIX, a nação era a forma mais acabada de identidade coletiva, e a memória nacional a forma mais completa de memória coletiva. Homi K. Bhabha (1998), em um ensaio seminal problematiza ainda mais o conceito de identidade cultural ao afirmar que:

O contar da história individual e a experiência individual não podem deixar de, por fim, envolver todo o árduo contar da própria coletividade. É entre as fronteiras do espaço nação que podemos ver como o conceito de “povo” não se refere simplesmente a eventos históricos ou a componente de um corpo político patriótico. Ele é também uma complexa estratégia retórica de referência social, pois na produção da nação ocorre uma cisão entre a temporalidade continuísta, cumulativa, do pedagógico e a estratégia repetitiva, recorrente do performativo. É através desse processo de cisão que a ambivalência conceitual da sociedade moderna se torna o lugar de escrever a nação. (Bhabha, 1998, p.206)

Para tanto, o resultado de uma criação literária além de partir do contato de diferentes culturas, ocasiona a reflexão de uma linguagem própria de uma Nação. Pois, a linguagem tem sido uma extensão de uma tecnologia moderna conhecida como colonialismo.

As diferenças culturais, históricas, raciais e sociais inserem-se num discurso colonial em que a construção da identidade se dá por meio destas relações paradoxais. Reconhecer o estereótipo de uma sociedade como um modo de reconhecimento cultural e de poder exige uma análise teórica e política do meio social em que o indivíduo está inserido.

Dessa maneira, é possível reconhecer a imagem estereotipada de uma cultura pelo seu discurso colonial com a diferença de poder e resistência, dominação e dependência, que constrói o sujeito da identificação colonial, tanto o colonizador quanto o colonizado.

Para compreender a produtividade do poder colonial é crucial compreender a alteridade que é ao mesmo tempo um objeto de desejo e escárnio, uma articulação da diferença contida dentro da fantasia da origem e da identidade construída no discurso colonial.

A construção do sujeito colonial no discurso se dá através da articulação das formas de diferenças raciais e sexuais. Essa articulação torna-se importante se consideramos a relação de poder, que visa por meio da representação construir um espaço teórico e político no sentido de que a palavra por meio do discurso arquiteta a identidade cultural do sujeito em formação, como uma maneira de

ligar uma série de diferenças e discriminações que embasam as práticas discursivas e políticas da hierarquização racial e cultural.

Segundo a metáfora trazida por Heidegger (2003), para quem a linguagem divide com o poder da tecnologia a formulação da realidade de ordenar uma demanda que assegure uma reserva permanente, um extra para operar o conhecimento. O discurso de Heidegger desenha a inspiração de uma história do colonialismo, do qual procede através dos estágios do 3º mundo como uma reserva de trabalho e posse naturalmente. Ele mostra a relação entre linguagem e poder.

O uso da linguagem é definido pela relação de poder, que pode ser um instrumento também de resistência das culturas nacionais que são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. “Uma cultura nacional é um discurso- um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto as nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (...) (HALL, 2004, p.50).

Dessa forma, as culturas nacionais ao produzirem sentido sobre nós mesmos, nos localiza na nossa nação em busca dos sentidos com os quais podemos nos identificar. Esse processo de identificação fazem parte da memória histórica que conecta o presente com o passado, mostrando nos que a identidade nacional é também uma discurso construído numa sociedade memorável, cultural, individual e coletiva.

“O contar da história individual não podem deixar de por fim, envolver todo o árduo contar da própria coletividade”(...) (BHABHA, 1998, p.200). Pois, a identificação cultural funciona em nome do povo ou da nação, tornando os sujeitos de uma série de narrativas sociais e literárias por meio de uma linguagem cultural, que localiza o sujeito e a nação num equilíbrio de significação discursiva. O povo não é o princípio nem o fim da narrativa nacional, mas a representação social da comunidade a ser narrada.

O primeiro passo do discurso colonial é ter um entendimento crítico produzido pelo colonialismo moderno, que reestrutura e reavalia a resistência de todos os pontos de uma dinâmica da diferença e alteridade por meio de um discurso colonial. Devemos acrescentar que Bhabha para qual a “resistência” num discurso colonial não é necessariamente um ato motivado de oposição, mas um efeito ambivalente por meio de diferentes cenas da presença colonial. O discurso se transforma numa hibridização, pois as estratégias de hierarquização e marginalização são empregadas na administração das sociedades coloniais.

Ou seja, tanto o colonizador quanto colonizado estão em processo de cognição onde cada ponto de identificação é sempre uma explicação sobre a alteridade do eu como democrata e déspota ou indivíduo e servo.

A preocupação de Bhabha com o hibridismo surge a partir de sua própria experiência como membro da elite local de uma sociedade colonizada pelos ingleses durante dois séculos; surge também a partir do objeto de análise de seus trabalhos iniciais, qual seja, o discurso colonial britânico na Índia no século XIX.

Uma sociedade que sofreu a experiência de ter sido colonizada é geralmente uma sociedade que viveu num conjunto de valores da cultura colonizadora e colonizada. O crítico indo-britânico, deseja entender o que estava realmente em jogo deste confronto, se eram as linguagens que eram usadas para representar os sujeitos ou se era o que se entendia por sujeito, ou seja a questão da construção da identidade. Acreditamos que tenha sido a necessidade de se pensar essas questões que fez com que ele elaborasse a questão sobre o hibridismo.

Dessa maneira, pensar o hibridismo nos leva a analisar as questões do sujeito único e suas relações que o torna híbrido, pois os indivíduos estão em constante processo de trocas de conteúdos culturais de diferentes culturas.

Segundo Nancy Robertson que foi para o Sudão em 1926 afiliar-se ao marido, ela diz que do ponto de vista dos Sudaneses, os Britânicos são simplesmente os mais velhos na história de ocupação

estrangeira. Sua história tem em comum a manifestação da diferença e ambivalência não mais que a voz da autoridade colonialista, mas a manifestação do qual permite ver o colonizador e o colonizado não em igualdade de destruição, mas em observação das estruturas de poder.

Os colonizados são forçados a se adaptarem a universos fragmentários e viverem situações imprevisíveis de intercâmbios culturais, enquanto que o colonizador impõe seus ideais gradualmente, subordinando a nação colonizada e estabelecendo seu poder.

Aos poucos o sujeito do discurso cultural se encontra cindido na disputa pela autoridade narrativa entre o pedagógico, que é o processo de identidade constituído pela sedimentação histórica, e o processo performático que é a perda da identidade no processo de significação da identificação cultural. Esta identificação é então mantida por meio da linguagem da coletividade cultural da nação que expõe o significado entre a imagem imperiosa do povo e a produção social da narrativa nacional.

É nesse espaço suplementar de duplicação não de pluralidade entre o pedagógico e o performático em que a imagem é presença é que podem ser transformados nos discursos de identidades culturais emergentes dentro de uma política de diferença e não-pluralista. (BHABHA, 1998, p. 218).

Por isso, a significação cultural revela e une o performativo e o pedagógico, elaborando uma estrutura narrativa característica da racionalidade política moderna que insere o indivíduo num movimento de relação de poder e de cultura originando uma espécie de revolta na criação do discurso colonial.

Assim, as possibilidades para a escrita descritiva e representativa de outras culturas estendem através do espaço teórico a escrita etnográfica, que remarca o controle da representação cultural por meio do diálogo sobre a questão do colonialismo, que se caracteriza por princípios do diálogo e da polifonia.

Todo o texto é composto por uma pluralidade de vozes que mostra os problemas similares na questão da interpretação do diálogo cultural. A questão da linguagem mostra um tipo de diálogo que utiliza a palavra para representar o problema da escrita sobre o mundo historicamente colonizado e o discurso entre diferentes culturas.

Há escritores que resistem à imposição do poder de representação de outras vozes e reconhece as dificuldades desta representação que procura incorporar um trabalho de pensamento que irá além de uma oposição ideológica em que prevalece o discurso de poder. Este tipo de escrita deverá agir como um tipo de guerrilha resistente ao discurso do colonialismo.

Por isso, toda cultura é uma hibridização que nunca tem uma origem sozinha porque ela é a mistificação da história da cultura, que por meio da linguagem é essencialmente um ato de resistência.

A linguagem da teoria pós-moderna precede questões de culturas diferentes no mundo pós-colonial que argumenta a crítica da construção da identidade baseando-se na literatura como prática da sociedade cultural.

A literatura representa as relações de poder via linguagem, mostrando como o poder e a linguagem são praticamente os mesmos sistemas de conhecimento que pertence ao imperialismo no mundo pós-colonial, resultante de uma mistura de línguas que visa localizar o indivíduo no seu espaço.

Desse modo, cremos que a literatura busca uma proposta analítica para uma comparação entre as sociedades, refletindo sobre os procedimentos das relações de classes. Pois, toda sociedade é singular e universal, porque impõe uma situação específica através da hibridização social.

A especificidade é mais do que um modo dos elementos individuais por meio das relações com os outros, constituindo uma busca incessante da construção da identidade do indivíduo.

## CONCLUSÃO:

O presente trabalho analisou a contaminação literária que se dá por meio dos diálogos entre diferentes culturas, como a do colonizado e a do colonizador. Essa relação permite que constitua a construção do sujeito inserido neste mundo pós-colonial, e que vem se tornando fragmentado mas em busca de sua identidade.

A questão da identificação nunca é afirmada de uma identidade pré-estabelecida, mas é sempre a produção de uma imagem de transformação do sujeito ao assumir a sua identidade por meio de um discurso colonial resultante da hibridização entre as culturas.

A identidade passa a ser um processo de reflexão no espelho da natureza humana e na visão antropológica da diferença entre as culturas. Essa reflexão é possível por meio das pesquisas pós-coloniais, que questiona e analisa os confrontos das diferenças de representações da identificação colonial. O sujeito está em cisão, mas em busca de seu lugar na sociedade histórica, cultural, social e política.

Estas mudanças são apreendidas pelo espaço que o sujeito ocupa, ou seja a sua nação. Por isso, ela é tão importante para a construção do indivíduo, porque por meio dela é que se narra o discurso colonial.

A nação é a comunidade de indivíduos de um estado que vive sob o mesmo regime, com sua língua, seus costumes, diferenças e sua literatura, representando o desenvolvimento da sociedade moderna.

Dessa forma cremos que homens e mulheres sintam a importância crescente do fato de se valorizarem e se sentirem valorizados a respeito de sua nacionalidade e identidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi. Disseminação: O tempo, a narrativa e as margens da Nação Moderna In: ÁVILA, Myriam, REIS, Eliana, GONÇALVES, Gláucia R..(Trad.). **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG. 1998. p. 198 – 238.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**: SILVA, Tomás Tadeu da, LOURO, Guacira Lopes (Trad.). Rio de Janeiro, DP&A, 2004.

HUTHEON, Linda. **Poética do Pós-moderno**. Rio de Janeiro, Imago, 1991.

BENJAMIN, Walter. **A Modernidade e os Modernos**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1977.

BRYDON, Diane. The White Inuit Speaks: contamination as literary strategy. In: **The post - colonial studies reader**. New York: Routledge. 1995. p.136 – 142.

ABDALA, Júnior Benjamin. **Margens da cultura**: mestiçagem, hibridismo & outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante (Trad.).  
Bragança Paulista: Vozes / Ed. Universitária São Francisco, 2003.